

O A *PRIORI* E O “PENSAR” O EU POÉTICO EM “A MÁQUINA DO MUNDO”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Danilo Barcelos Corrêa
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

THE A *PRIORI* AND THE “TO THINK” THE POETIC SELF IN “A MÁQUINA DO MUNDO”, BY CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Resumo: O eu dos poemas de Carlos Drummond de Andrade faz pensar um “ser” que está além do conceito de eu poético. Para ele, o ser busca ser e estar envolvido com a humanidade. Ao mesmo tempo, o eu poemático percebe, a sua maneira, a separação entre seres e coisas. A partir disso, o presente trabalho discute de que maneira Carlos Drummond de Andrade, em “A máquina do mundo”, busca um *a priori*, a essência do que se quer cantar, e, com isso, propõe um pensar poético.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; A máquina do mundo; eu poético; pensar poético; a priori.

Abstract: The “self” present on Carlos Drummond de Andrade poems discusses the concept of “being” by making us think about a “being” that exists beyond the concept of “self” in poetry. In Drummond’s writing, the “being” metaphorically searches to be involved with humanity. However, at the same time, this poetic “self” realizes of what separate the “beings” from the things. In this sense, this work aims do discuss how the poet searches for one *a priori*, as well for the essence of what he wishes to sing of. Especially in “A máquina do mundo”, we argue that he proposes, in this way, a poetic form of thinking.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade; A máquina do mundo; poetic self; poetic thinking; a priori.

A força da vida que a todos caracteriza; o mundo como o que encerra todas as possibilidades de contato; o poema enquanto parte no processo de busca do “lugar” potente onde toda a poesia se preserva; a linguagem, mediadora do contato entre seres, coisas e existência, são para o eu nos poemas de Carlos Drummond de Andrade substratos fundamentais e tendem a fazer parte de uma busca por uma essencialidade, por um *a priori* que concentraria em si todas as potências.

As múltiplas manifestações da vida – seja a flor que rompe o asfalto

em “A flor e a náusea”¹, a “precária síntese” de “Nosso tempo”², a vida besta da “Cidadezinha qualquer”³ – aparecem, por exemplo, como parte dessa busca essencial do que é o elemento central do canto, sua condição potente por uma vida ainda mais elementar, “menor”.

VIDA MENOR

A fuga do real,
ainda mais longe a fuga do feérico,
mais longe de tudo, a fuga de si mesmo,
a fuga da fuga, o exílio
sem água e palavra, a perda
5 voluntária de amor e memória,
o eco
já não correspondendo ao apelo, e este fundindo-se,
a mão tornando-se enorme e desaparecendo
desfigurada, todos os gestos afinal impossíveis,
10 senão inúteis,
a desnecessidade do canto, a limpeza
da cor, nem braço a mover-se nem unha crescendo.
Não a morte, contudo.

Mas a vida: captada em sua forma irredutível,
15 já sem ornato ou comentário melódico,
vida a que aspiramos como paz no cansaço
(não a morte),
vida mínima, essencial; um início, um sono;
menos que terra, sem calor; sem ciência nem ironia;
20 o que se possa desejar de menos cruel: vida
em que o ar, não respirado, mas me envolva;
nenhum gasto de tecidos; ausência deles;
confusão entre manhã e tarde, já sem dor,
porque o tempo não mais se divide em seções; o tempo
25 elidido, domado.
Não o morto nem o eterno ou o divino,
apenas o vivo, o pequenino, calado, indiferente
e solitário vivo.
Isso eu procuro.⁴

A busca por essências, descarnada de seus adereços e que possa vislumbrar a condição primordial de onde toda possibilidade de vida virá a dar-se, é o elemento central a ser poetizado pelo eu drummondiano neste texto. Ao retirar, verso a verso, os elementos que sobram na vida, os que fazem com que

1 ANDRADE, 2003, p. 118-119.

2 ANDRADE, 2003, p. 125-130.

3 ANDRADE, 2003, p. 23.

4 ANDRADE, 2003, p. 143-144.

ela se afaste de sua essência, o eu encaminha aquele que entra em contato com o poema a um lugar primordial que represente um duplo: o fim da procura e o princípio de toda possibilidade de vida, em sua forma pequenina, calada, solitária e indiferente.

É preciso, para chegar a essa essência, “estar longe”, afastar-se cada vez mais do que pode ser trazido à palavra, indo além de si mesmo. Só após deixar tudo o mais que liga o ser à realidade, como faz na primeira estrofe do poema, e chegar a um ponto em que se está em contato profundo com a vida, como está dito nos versos 14 e 15, que é possível perceber o que existe sem nenhuma redução. É nesta vida, “menor”, que o eu põe o início de sua jornada: “vida mínima, essencial; um início, um sono; / menos que terra, sem calor; sem ciência nem ironia”. Para começar, para encontrar um início possível, o eu busca a vida em essência. A vida compacta e mínima, um “princípio”, um *a priori* de onde é possível iniciar.

Entendemos “princípio”, aqui, como o lugar essencial de onde tudo pode tornar a começar. Martin Heidegger⁵ define princípio como um “lugar de potências”, originário, de onde parte e para onde tudo retorna. Essencial e fundacional, qualquer princípio encerra em si, de acordo com o filósofo, essa condição cíclica e potente. Como um “lugar”, ou seja, para onde tudo converge e preserva-se, sendo aquele que “reúne e recolhe para si”⁶, pode ser em princípio tudo o que apresentar, de forma essencial, um conjunto de possibilidades que propiciem essa condição cíclica; ou seja, tudo o que contenha em si um *a priori* de onde tudo pode tornar a começar. Nesse sentido, o silêncio (por conter todos os sons e por recolhê-los) e o branco (por exercer o mesmo com as cores) são, em certa medida, “princípios”. Também se apresenta, assim, ao eu no poema, a “vida menor”: “princípio” de onde toda e qualquer vida pode dar-se.

No texto, o eu quer uma fuga do real e do que é, ao mesmo tempo, mágico e ofuscante. Busca o exílio onde possa se livrar de qualquer elemento que esteja entre si e o que ele quer encontrar. Anseia se desfazer de sua condição de ser, de um eu que se encerra de forma específica e espacializada em um corpo – metonimicamente representado pela mão que, depois de se tornar enorme,

5 HEIDEGGER, 1979, p. 11.

6 HEIDEGGER, 2003, p. 25.

desaparece desfigurada –, dispensando-se da inutilidade dos gestos e da força das palavras para, enfim, alcançar a “vida menor”. E despir a vida de seus elementos não significa rumar em direção à nulidade da morte. Antes, quer levar o leitor ao mínimo, à condição essencial e vital de onde tudo pode partir, o “princípio”, busca parecida àquela empreendida em “Procura da poesia”⁷.

“Procura da poesia” é um poema que pode ser dividido em dois grandes blocos. No primeiro, o eu desmistifica qualquer imagem “romântica” de construção de poemas. Nega qualquer poema que se faça a partir da experiência, da vivência, da subjetividade do poeta. As negações sequenciais que refutam os ideais românticos de poema acabam por esvaziar o termo e a condição de um fazer poético, deslocando, tanto um quanto outro, de seus lugares comumente aceitos. A partir disso, começa o segundo bloco do poema, no qual o eu diz onde está a verdadeira poesia, que aquele que se pretende ao ofício deve aceitar.

A diferença entre o fazer poético embasado na experimentação – o que não é, para o eu, *fazer poemas* – e a ideia de autêntica poesia – “A poesia (não tires poesia das coisas) / elide sujeito e objeto.”⁸ – tem início na terceira estrofe. O distanciamento dado nela é crucial. O *tirar* – “não tires poesia das coisas” (destaque nosso) – não só reforça o conjunto de negativas que o eu nos apresenta nas três estrofes anteriores (e que nos apresentará até a sexta estrofe), mas encaminha-nos para um lugar diferente para, nele, pensarmos a escrita dos poemas, a poesia e o papel do poeta.

Sem tirar das coisas seus poemas, sem fazê-los, o poeta perde o seu papel de produtor, de criador e, então, não é aquele que “tira” seus poemas do mundo: é quem entende que a poesia está além do poeta e das coisas, e, portanto, essa suprime-os. Deslocado, o poeta precisa ser recolocado em sua verdadeira função, e é isto que empreende o eu a partir da sexta estrofe. Nela, diz da função do poeta e a primeira atitude que este precisa ter: a de penetrar de forma surda no reino das palavras. Lá, no “lugar” de suas potências, as palavras é que formam os poemas.

Partindo, então, de uma sucessão de negações, o eu chega ao elemento essencial que ele anseia cantar: “o reino das palavras”, onde devemos

7 ANDRADE, 2003, p. 117-118.

8 ANDRADE, 2003, p. 117.

procurar a poesia. Desconsiderando todo verso que não seja potente, que não cumpra o seu “poder de palavra” e “poder de silêncio”, o eu nos direciona para um *a priori*, para o “lugar” onde “todos os poemas esperam ser escritos”⁹. Este lugar está além de qualquer palavra, já que o poema é uma produção posterior que deve ser aceita, e não construída.

A poesia, portanto, não é o texto terminado, o poema. Está aquém dele e permanece nele em vigência, pelo seu poder de palavra e de silêncio. Em “Procura da poesia”, o que é essencial ao poema é este duplo “poder”, como nos diz nos versos 41 a 43, pois só por meio deste podemos efetivamente estar em contato com o que de mais potente nos oferece o verso.

Dessa forma, o poema é o resultado do contato potente que se dá naquilo que HEIDEGGER chama de “esfera de poder da poesia”¹⁰. Esta “esfera de poder” é o “lugar”, o “princípio”, o *a priori* potente que, em estado de dicionário, é capaz de produzir qualquer poema ao qual o poeta deve, como nos instrui o eu, aceitar. Para entrar em contato com esta “esfera de poder”, precisa aquele que segue a lição do eu poemático de Drummond no texto acima penetrar “surdamente o reino das palavras” e contemplá-las em suas faces secretas e neutras.

Configuram-se como princípios, nesses dois textos inicialmente analisados, a vida menor e a poesia, com toda a sua “esfera de poder”. A necessidade por se chegar a um *a priori* orienta o eu dos textos citados numa busca que nos apresenta um eu interessado, via palavra poética, pelos elementos essenciais do ser. “Interessar” significa, aqui, estar mergulhado, imerso em substratos pensáveis. Oriundo de *inter essere*, ou seja, “estar entre”, “ser entre”, “interessar” é a condição do ser envolver-se de forma profunda com o que se quer pensar, carregando-o para o seu mais íntimo, podendo sempre, a partir dele, começar outro pensar¹¹. Se não está “interessado”, aquilo que o eu pretende pensar é facilmente abandonado e não representa, pois, algo efetivamente potente.

Além disso, temos um eu que se sabe ao mesmo tempo retorcido, fragmentado e parte do mundo, que se percebe profundamente feito de

9 ANDRADE, 2003, p.117.

10 HEIDEGGER, 1979, p. 11.

11 HEIDEGGER, 2012, p. 113.

linguagem. Por isso, tal qual nos canta em “O lutador”¹², o eu poético luta constantemente com as palavras, inimigo fluido que o vence sempre em um duelo perpétuo e infinito. No duplo sentido impresso no uso da preposição “com” no verso “Lutar com palavras”¹³, o poeta luta “contra” as palavras e as usa como arma na batalha para vencer o que o inimigo fluido lhe impõe no contato único possível com a realidade: a linguagem.

Por meio da linguagem, o eu torna-se uma voz “universal” e transforma a problemática subjetiva em uma problemática de todos, ou, nas palavras de Theodor Adorno, é o “eu-Todos” que se enunciará por aquela linguagem¹⁴. Busca, com isso, dizer o que não pode ser dito pelo particular. Tal qual em “Procura da poesia”, os poemas não se apresentam como respostas de alguém que pretende, com palavras, ilustrar seus sentimentos, descrever o mundo ou contar as histórias – sejam as suas ou as de seu povo. O poeta deve ser aquele que, como diz o eu do poema “Procura da poesia”, penetrando no silêncio das palavras, tem contato com os poemas que esperam ser escritos. Eles, independente da vontade daquele que vá escrevê-los, é que definirão a sua forma “definitiva e concentrada no espaço”¹⁵.

O eu nos poemas de Drummond percebe-se, assim, na linguagem, e exerce o papel de penetrar no silêncio e aceitar o verso como divindade maior. Sabe que pode, como diz em “Consideração do poema”¹⁶, utilizar-se de todos os poetas e poemas da história, ou ainda, como em “Canção amiga”¹⁷, tornar outras palavras mais belas, desde que o poema cumpra seu poder de palavra e de silêncio e que o eu o aceite. Entende essa condição de ser aquele que aceitará o poema por saber que não poderá jamais estar plenamente no reino das palavras, nunca vencendo a batalha que trava com elas cotidianamente. Além disso, sabe-se responsável por entender que só a quem aceita o “lugar” do poeta é dada a tarefa de aceitar o poema, de receber da linguagem a sua potência criadora.

12 ANDRADE, 2003, p. 99-101.

13 ANDRADE, 2003, p. 99.

14 ADORNO, 1983, p. 197.

15 ANDRADE, 2003, p. 117.

16 ANDRADE, 2003, p. 115-116.

17 ANDRADE, 2003, p. 231.

É esse o eu que se depara com “A máquina do mundo”¹⁸. Nesse texto, o eu fragmento que se faz e que se justifica via linguagem e que se entende como uma voz que busca uma perda de uma individualidade, vê-se na estrada de Minas diante da possibilidade de romper a barreira definitiva entre seres e coisas e atingir o contato profundo e divinal com a totalidade.

O poema se inicia com o ocaso, trazendo a imagem de diluição de formas definidas entre o ser e o mundo, tempo e espaço.

A MÁQUINA DO MUNDO

E como eu palmilhasse vagamente
 uma estrada de Minas, pedregosa,
 e no fecho da tarde um sino rouco

5 se misturasse ao som de meus sapatos
 que era pausado e seco; e aves pairassem
 no céu de chumbo, e suas formas pretas

lentamente se fossem diluindo
 na escuridão maior, vinda dos montes
 e de meu próprio ser desenganado,

10 a máquina do mundo se entreabriu
 para quem de a romper já se esquivava
 e só de o ter pensado se carpia.
 [...] ¹⁹

Após aberta, a máquina do mundo começa a mostrar a divina potência que suspende a noção de tempo e de espaço. A linguagem, então, impõe-se ao eu, separando as formas na existência. A máquina é a forma sublime que apresenta ao eu uma realidade além da necessidade do pensar, na ordem do sentir, convidando-o às sensações e intuições abandonadas. Vencido os poderes que circundam o eu na existência enquanto caminha pela estrada de Minas, suspenso na momentânea interação com o poder da linguagem, rompem-se noções fundamentais de separação entre seres e coisas. Nesse momento, é trazida ao eu a condição divinal que exclui a necessidade de um eu fragmentado, preso às convenções diárias que sufocam e que afastam o ser de suas intuições e sensações.

[...]

18 ANDRADE, 2003, p. 301-303.

19 ANDRADE, 2003, p. 301.

Abriu-se calma pura, e convidando
 quantos sentidos e intuições restavam
 a quem de os ter usado já perdera

25 e nem desejaria recobrá-los,
 se em vão e para sempre repetimos
 os mesmos sem roteiro tristes périplos,

30 convidando-os a todos, em coorte,
 a se aplicarem sobre o pasto inédito
 da natureza mítica das coisas,
 [...] ²⁰

Esse contato mítico com a natureza das coisas, que traz em “coorte” os sentimentos e intuições do eu além de suas forças, buscando o entrelaçamento divino que a máquina do mundo lhe propõe, permite que as potências além da fronteira do pensável possam, ao eu, comunicar o seu desejo e a sua oferta. Nesse tempo em suspensão, o lugar do contato se desfez e a intramundandade do eu passa a ser regida por essa força maior que a tudo pede união e elimina as fronteiras entre os entes do mundo. Isso daria ao eu, se entrasse em contato e aceitasse a oferta feita pela máquina, a possibilidade de alcançar a relação maior com o todo e fazer com que deixasse de ser um fragmento, passando à condição de uma totalidade só possível miticamente. O eu, então, ultrapassaria a linguagem que o prende à existência, a um corpo, e estaria, assim, pleno na totalidade que se prolonga.

Fala-lhe a máquina que ali, diante do ser resignado do eu que não poderia alcançar ou perceber o que realmente buscava, encontrava-se enfim a resposta para toda a sua procura. Todas as verdades e todos os saberes e sensações, o maior dos princípios a que o eu poderia ter contato, ali se apresentavam. Só naquele momento estaria o eu diante daquilo que pudesse fazer com que ele tornasse a começar e que pudesse sempre começar qualquer coisa, graças à potência criadora que, diante dele, se abria. A máquina lhe oferecia a potência maior, a sabedoria ilimitada que só pode ser concebida e vivenciada por um ser divinal.

[...]

“O que procuraste em ti ou fora de

20 ANDRADE, 2003, p. 302.

teu ser restrito e nunca se mostrou,
 mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
 e a cada instante mais se retraindo,
 40 olha, repara, ausculta: essa riqueza
 sobrança a toda pérola, essa ciência
 sublime e formidável, mas hermética,
 essa total explicação da vida,
 esse nexo primeiro e singular,
 45 que nem concebes mais, pois tão esquivo
 se revelou ante a pesquisa ardente
 em que te consumiste... vê, contempla,
 abre teu peito para agasalhá-lo.”
 [...] ²¹

Só agasalhando aquilo que, potente, se apresenta, é que pode o eu alcançar a plenitude de uma voz efetivamente universal. O que lhe oferta a máquina está além das relações com o pensamento: é o que une os seres e as coisas do mundo, dissolve o tempo e torna infinita toda e qualquer possibilidade, prolongamento e produção. Tudo, enfim, reunido e produtor como só a um deus seria permitido vislumbrar. A totalidade se apresenta e convida o eu a penetrar o “reino augusto”, onde poderá vivenciar o absurdo original e seus enigmas, suas verdades mais altas. Receber a memória dos deuses e o solene sentimento de morte que floresce no caule da existência. A totalidade apresentada a um ser humano que, para aceitá-la, precisava se desvencilhar da sua condição ou de seu *ego*.

Nesse momento, percebe o eu ser conduzido por uma força que não é mais a da consciência de si, que tinha até aquele momento. Outro ser surge após essa oferta da máquina e é este novo ser que, saindo da suspensão a que foi confrontado, na possibilidade de partilhar a totalidade ofertada, passa a guiá-lo e a decidir por ele diante do maravilhoso engenho que se abriu a seus olhos.

[...]

 80 e como se outro ser, não mais aquele
 habitante de mim há tantos anos,
 passasse a comandar minha vontade

21 ANDRADE, 2003, p. 302.

que, já de si solúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes

85 em si mesmas abertas e fechadas;
[...]²²

Após o contato com a plenitude que a máquina lhe apresenta, outro eu se forma. A reconstrução de um eu que, suspenso na soma divinal de sensações com as quais ele entra em contato, faz-se outro, diverso, refundado, que, mergulhado na treva da noite, pode se separar por fim da totalidade ofertada e recusá-la, regressando à estrada de Minas e ao tempo. Refeito e guiado por outra razão que não aquela orientada pelo desejo de saber e de ter acesso ao reino augusto que a máquina lhe apresentara, o ser rejeita o ofertado, permanecendo na sua condição de separação com o restante da existência. Mergulhado na treva da noite, percebe a máquina repelida recompor-se e sumir, enquanto ele, graças ao corpo que ocupa, retorna a sua jornada e pode avaliar o que perdera, de mãos pensas.

Em “A máquina do mundo”, Carlos Drummond de Andrade dá-nos uma formatação mais acabada de um conceito de eu: mesmo que anseie, em um primeiro momento, romper a separação dessa voz que canta nos versos, essa sua incessante busca pela “vida menor”, sabe que a limitação é impossível de ser rompida, uma vez que significa alcançar o estado divinal além da palavra poética. Aceitar as verdades e a soma de saberes da máquina do mundo é deixar de ser, perder a condição à qual o poeta não consegue abdicar. Não deixar de estar ligado à palavra é fundamental para entendermos o eu que seguirá cantando: ele sempre será humano, fragmentado e preso ao corpo e à linguagem que o ligam ao mundo e à existência.

Assim, em “A máquina do mundo” há a tentativa de fazer com que qualquer um, em contato com o poema, possa se reconhecer naquele eu que enuncia, fazendo com que leitor e eu caminhem juntos rumo à experimentação do contato com a potência da palavra poética. Iniciando um profundo percurso no tempo, o poeta permite que entendamos como se torna difícil pensar quem será o guia, o eu que nos levará à “esfera de poder da poesia”. Mas coloca-nos frente ao pensamento complicado de buscar, nos meandros da linguagem, uma possibilidade de saber que se configura em uma busca interminável: aquela que

22 ANDRADE, 2003, p. 303.

se empreende em direção a qualquer eu, pois nele encontraremos sempre tudo o mais que existe e que busca, sempre, uma re-união com o todo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. “Lírica e sociedade.” In: ADORNO, Theodor. et al. *Os pensadores*: Benjamin, Habermas, Horkheimer, Adorno. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho et al. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 193-208.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Márcia Schuback, Gilvan Fogel. 8. ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 1979.

Currículo abreviado do autor

Danilo Barcelos Corrêa – Doutor em Letras pelo Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (2015), com tese sobre a importância da poesia como forma de saber, centrado o estudo nos poemas de Carlos Drummond de Andrade e Álvaro de Campos/Fernando Pessoa. Mestre em Letras pelo Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (2011), com dissertação que discute a construção da imagem poética do nada nos poemas de Carlos Drummond de Andrade. Graduação em Letras (Bacharelado em Estudos Literários) pela Universidade Federal de Ouro Preto (2004), com monografia de fim de curso a respeito da novela Campo Geral, de João Guimarães Rosa. Atualmente é Coordenador Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Letras/ Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), e membro do núcleo permanente do corpo docente do Programa. É professor de Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria da Literatura, em especial os estudos sobre poiesis, episteme poética, poesia e eu poético, além de estudos na área de Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Literatura Comparada.

Recebido em 10/10/2017.

Aprovado em 19/12/2017.